

ACAJÁ

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

O progresso da intelligencia é infallivel, havendo liberdade de fallar, escrever e publicar o que pensamos.

MARQUEZ DE MARICÁ.

Anno I

Terça-feira 1 de Outubro de 1861.

N. 32

A INTELLIGENCIA

e o materialismo. (*)

I.

A intelligencia por sua natureza altiva e de vastas aspirações, não se pode conservar n'um circulo de ferro a que a prendem muitas vezes as necessidades materiaes da vida social.

Corte-se as azas ao condor, e elle não poderá se elevar ao cume das altas cordilheiras dos Andes: — tire-se a liberdade á intelligencia, e ella, bem como a planta em terreno esteril, fenecerá á mingua de elementos que alimentem a sua conservação.

O espirito que comprehende, que conserva, e que produz, reúne em si alguma cousa mais do que o vulgar, e é sem duvida a consciencia d'essa posseção, que o ennobrece e fal-o elevar-se acima das intelligencias vulgares, com uma nobre altivez, sem duvida caracteristica d'aquelles, que como André Chenier, podem, apontando para a cabeça dizer: — *Il ya quelque chose là!*..

O dominio da materia sobre o espirito, é mais do que uma utopia; é uma d'estas proposições baldas de senso, e mesmo sem fé pronunciadas, até pelos mais ignorantes.

A cabeça, na sua mesma organização physica, collocada na parte superior do corpo humano, ainda tem incontestavelmente um imperio entre as outras partes d'esse todo, imperio mil vezes sublime, porque na cabeça existe a intelligencia, e esta tem em si a corôa da verdadeira aristocracia, que a colloca acima de tudo, podendo-se dizer como o cantor dos *Suspiros poeticos*: —

Acima della Deos, Deos tão sómente!

Bem como o espirito individual, as classes da sociedade pela sua mesma organização, que deve

(*) Estas linhas foram escriptas pouco depois de terminos o *Acajá* n. 11.

estar em harmonia com seus mysteres, divide-se em differentes turmas.

Em umas, o talento é condicção essencial, assim como o estudo, seu irmão.

Em outras porém, a intelligencia é até um extorvo, porque mostraria superioridade sobre aquelles, dos quaes tinham de depender pelas mais urgentes necessidades.

D'entre essas classes, a commercial sobressahe, não só pela sua prosaica marcha, como pelos seus mais que materiaes affazeres.

Que missão teria n'esta classe, a intelligencia, ou o talento, quando o individuo menos dotado d'esses dons da natureza, é aquelle que n'ella exerce as mais altas funcções?

E como pode aquelle, em cujo craneo arde o fogo sagrado do genio, sujeitar-se ás mais prosaicas occupações, como são todas as d'esse positivo viver? De maneira alguma tal poderia acontecer, porque os dons espirituaes não se podem conservar inactivos, n'uma apathia constante, para que d'ella lhe não resulte o entorpecimento moral, tão fatal aos veneradores da sciencia, e amigos do progresso intellectual da humanidade.

Exponha-se as flores em seu desabrochar aos rigores do sol, e ellas se crestarão em breve tempo.

Agrilho-se aquelle que dá largas ao pensamento, e o faz livremente voar com as azas da imaginação, e elle se myrrará como o espirito fraco aos primeiros bafejos do soffrimento.

Cada um nasceo para o seu fim, embora na sociedade tudo individualmente se metamorphosêe.

Embora o genio por terriveis necessidades tenha muitas vezes de esquecer-se do seu brilho, para lembrar-se do do metal, todavia o genio sempre é o mesmo, e o metal não passará jamais de um ente do reino mineral.

Mas voltando á questão, diremos pois que na vida commercial, lidando com os elementos mais prosaicos do existir humano, não pode brotar talento e intelligencia que vingue.

N'essa vida, a sciencia é uma fructa desco-nhecida e não lembrada, e o merito intellectual

uma joia de luxo que alguns *petits maitres* mostram em dias de festa.

II.

Estas vagas e intimas considerações, suggerio-nos a imaginação, ao lermos no numero 11 d'este periodico, um artigo que tendo por epigraphe « *Prosaismo da vida commercial* » tornou-se o panegyrico mais solenne e altamente proclamado. (doe-nos profundamente o disc-lo) por quem tem no seo cerebro salientes raios d'esse archote soberbo que illumina a humanidade, e a que d'esde as mais remotas eras, chamaõ — intelligencia.

O autor, (aliás teria no seo proprio proceder elementos contrarios ás opiniões que sustenta em seo escripto) de certo traçou essas linhas n'um d'esses momentos de tedio, que fazendo-nos aborrecer tudo o que é de melhor, faz muitas vezes apreciar-mos o que nos foi sempre repugnante.

Querendo a todo o transe sustentar principios ha muito condemnados, o autor chega até a avançar proposições insustentaveis por si proprias.

D'entre ellas, nota-se aquella em que elle, ainda espera que do « commercio hão de sahir homens de verdadeira capacidade, e de profundos conhecimentos! » —

Avançar-se a dizer que de uma corporação verdadeiramente material, hão de sahir homens de profundos conhecimentos, é o mesmo que dizer que podemos tornar sabios sem nunca pegarmos n'um livro!...

Continuando na enunciação de suas phantasticas ideias, o Sr. Jami (a quem profundamente respeitamos) chega até a dizer, que brevemente terão assento nos conselhos da corõa, homens nascidos do gremio da vida commercial, *prenhes* de verdadeiros principios!..

Ha proposições, que em si proprias tem o germen de sua destruição, e como cremos que as duas que acima apontamos estão n'esse caso, esquivamo-nos de refutal-as.

Uma outra porém, que na mente de algum inexperto pode á passar por veridica, convem que fique redusida ao seo natural estado — mera divagação.

O autor do artigo á que nos temos referido, querendo provar as notabilidades sabidas da classe commercial, aponta entre ellas o finado poeta Casimiro de Abreu, de quem ainda com amargurosa saudade nos recordamos.

Casimiro de Abreu não foi um genio nascido no gremio da embrutecedora vida material; foi porém um poeta a quem torcerão a louvavel vo-

cação de estudar, e collocarão no commercio que para elle foi um exilio triste e homicida.

A maior parte de seus cantos que formão o bello volume que nos legou e que perpetuará sua memoria, forão escriptos na banca entusiastica do estudante de talento.

E se no seo viver melancolico a que o condemnarão depois, alguma cousa compoz, forão em horas de saudade pelos dias já idos ou gemidos que lhe partião d'alma, sem calar na sua intelligencia adormecida no abandono sepulchral de uma vida acalbrunhadora, e cheia de amargosas horas.

Para se provar a dor que sentia Casimiro de Abreu ao sentar-se na carteira de um escriptorio, segundo sua propria expressão, basta ler este periodo do mais bello escripto em proza que elle nos legou (*): — « Foi n'um dia, .. diz elle, lembro-me perfeitamente ... fi i n'um dia de Setembro. Abafando o grito de lamento de minha vocação contrariada, fui sentar-me na carteira de um escriptorio, e embrenhei-me no mundo dos algarismos. Abracei a vida commercial, essa vida prosaica que absorve todas as faculdades n'um unico pensamento — o dinheiro, e que se não debilita o corpo, pelo menos enfraquece o mata a intelligencia! !... »

Fatal dia ! negra hora !... »

Poderá haver um protesto mais energico, contra a vocação contrariada, de quem á força, foi transportado ao seo de uma classe, que tanta intelligencia tem redusido á pó, que tanto talento tem feito exhalar-se no esquecimento e na dor?...

Quem haverá que com imparcialidade possa sympathisar com uma vida na qual o oiro é merito, e o merito não é oiro? ..

Para que aquelle que tenha consciencia de que vale alguma coisa intellectualmente fallando, antipathise com a vida commercial, basta examinar os homens que a compõe.

Em sua quasi totalidade ignorantes e baldos das luzes da civilidade social, os membros da corporação commercial, tem infelizmente sido o verdugo da mocidade que inexperta á elles se chegou cuidando de seo futuro.

Desconhecendo que o homem não nasceu para passar uma vida de bruto sobre a terra, elles só tem um desejo — ter oiro; — só tem um meio para tudo — o oiro — e seo fim, ou antes, o de seo viver, é ganhar e amontoar esse metal, que para os homens esclarecidos, é apenas um meio.

(*) *A virgem loura*, paginas do coração.

O leitor já se terá impacientado com nossas considerações, e por isso concluindo diremos, que aquelles que tiverem dons intellectuaes e se dedicarem a vida commercial, longe de desorientarem o horizonte de um risonho porvir, nada mais fazem que abrir um tumulo para sua existencia moral.

AMÉRICO BRASÍLICO.

Rio de Janeiro, 1861.



POR CAUSA DE UM GATO.

Não vos riaes, leitores, do caso de que agora me vou occupar. Se o titulo é assim um tanto estrambotico, não deixa o assumpto de ser serio. Por elle se vê, que factos ha muitas vezes, que não tendo na apparencia, gravidade alguma, são todavia fecundos em consequencias tragicas. Felizmente para os actores d'es'e drama, depois do soffrimento, raiou para elles mais brilhante a aurora da ventura.

A maneira porque me veio ao conhecimento este facto, foi o seguinte. E-tavamos, ha dias, reunidos uns poucos de rapazes e fallou-se sobre sympathias e antipathias. Um delles, o meo amigo J....., declarou-se inimigo fidal dos gatos, e pelo modo animado porque expendeu sua opinião a respeito, via-se que fallava com convicção. Eu tambem confesso a minha fraqueza: antipathiso soberanamente com os tres animalejos e por isso sustentei-o como pude.

Depois de um debate bastante prolongado, em que os unicos adversarios da raça felina eramos eu, outro rapaz da roda, e o meo amigo J..... disse elle que a causa da guerra que declarára aos gatos, era uma desgraça que um dos taes bichinhos lhe ia acarretando, se bem que innocentemente.

Semelhante declaração, excitou a curiosidade de todos e muito principalmente a minha, porque *farejara* ahi, materia para encher algumas columnas do *Acaja*. Excitada a curiosidade, foi o J..... instado para que narrasse o facto, por todos quantos se achavão presentes. Não foi porém, sem custo que elle se resolveu a faze-lo, principiando desta fórma:

—Acreditão vocês, se eu lhes disser, que já uma vez me vi equiparado a um gato? Talvez duvidem, e mesmo estou certo que se hão de rir, porque, o enunciado da pergunta, promove o riso: logo porém que tenham ouvido o facto, verão se tenho ou não razão para dizer que já me vi comparado a um gato.

E' verdade que essa comparação a mim proprio a devo e por consequencia só de mim me devo queixar. Mas.... prometti contar-lhes um facto, e vou tratar de cumprir a minha promessa.

Tenho hoje 26 annos, e ha um anno que me acho casado, com uma menina que amo extremamente e aquem ameí durante dois annos, sem que uma só vez, viesse a mais pequena nuvem toldar o nosso horizonte.

Ora, dois annos de namoro sem um arrufosinho, é cousa tão fóra do commum que não posso deixar de consigna-la aqui, e que o resentimento que eu devia conservar ao motor da primeira queixa, não podia deixar de ser grande, como o prova o odio que tomei á causa innocente da primeira desintelligencia que houve entre mim e a minha Amelia.

Como tomei conhecimento com essa que agora faz de minha vida um longo sonho de ventura? Onde a vi? Porque a ameí? São perguntas essas, a que poderia responder, com muita facilidade, era porém preciso que eu ideasse algum episodio interessante e *romanesco*, tal como, uma quadrilha dansada em um baile, um passeio pela rua em que ella morava, ou outra que tal quejanda e sedicã explicação. Comprometti-me a contar um facto, uma pagina de minha vida e não a compôr um romance, e por isso, digo-lhes francamente que já me não recordo como, e onde foi que conheci minha Amelia, e a maneira porque brotou em nós o sentimento que faz hoje a nossa ventura. Conheci-a, ameí-a, amamo-nos, sendo os unicos interpretes do que sentiamos, os olhares que trocavamos quando nos viamos.

Depois de algum tempo, consegui ter entrada na casa da sua familia e então pude com mais facilidade e frequencia, gosar do prazer de a ver e de apreciar seos dotes physicos e qualidades moraes. Foi então que succedeu o caso do gato, que me ia causando um grande pezar: a perda de minha querida Amelia.

Sua mãe, sempre que eu me apresentava em sua casa, me tratava com muita benevolencia e reflectindo melhor, creio que antecipadamente me tratava como filho. Como, porém, eu sempre tive a presumpção de querer passar por physionomista, entendi de mim para mim, que era isso um effeito de sua proverbial bondade, e quiz o fado que contra o costume, não me enganasse.

Tratava-me pois, D. Luiza, com as maiores attentões convidando-me a que viesse sempre a sua casa etc., offerimento de que eu usava sem abusar, e viviamos por consequencia eu e Amelia, (eu pelo menos) muito felizes, quando um dia, dia fatal! me aconteceu o facto mais

extraordinario que em vida de homem succedeu.

Tinha eu uma tarde ido á casa de D. Luiza, e ahí encontrára umas senhoras, parentas da familia e de quem já eu era conhecido antigo. Entrei; cumprimentamo-nos e puzemo-nos a conversar.

Fallou-se sobre modas, bailes, theatros, etc.; cortou-se um pouco na vida alheia, mas o que mais me fez impressão forão algumas palavras que percebi a D. Luiza que levára a conversar sobre gatos. Estavamos n'isto quando rebentou uma furiosa pancada d'agua, dessas que poem as nossas ruas quaes outras lagoas.

As senhoras quizerão logo retirar-se; mas vendo que o não podião fazer a pé, a menos que quizessem ir com agua até o tornozello, concordarão em que se chamasse um carro. Assim foi e eu fui encarregado de as acompanhar até casa.

Ah! meos amigos, antes nunca o tivesse feito! Ter-me-hia assim poupado horas bem amargas que passei e fiz passar!

Conduzidas as senhoras a casa, tratava-se de recolher-me eu á minha e por isso tornei a metter-me no carro e mandei tocar para a rua Nova do Conde onde então morava.

Entre no carro, fechei a portinhola e quando ia a sentar me, senti um farfallar de papel machucado sobre a almofada. Procurei-o com a mão, e tendo-o achado, vi que era um bilhete escripto á prima de D. Amelia pela propria D. Luiza.

Eu não sou por natureza curioso, e não sei que inspiração diabolica me levou a ler o tal bilhete, mas o que posso affirmar é que puz me a lê-lo, e que a sua leitura me fez morder os puuhos de raiva. Com effeito, figurem-se vocês como não ficarião, lendo um bilhete confidencial, escripto pela mãe de sua namorada a uma sua amiga, em que se lião estas palavras:

« Quanto áquelle *sugeitinho*, vem-me cá todas as noites; faz-me muita festa a mim e á Amelia, que nós retribuimos o melhor possível; qualquer dia elle cá fica agarradinho. »

Estas palavras que a outro qualquer pareceriaão indifferentes, produzirão em mim uma impressão estranha, e a tal ponto me capacitei de que ellas a mim se referião, que voltei para casa seriamente incommodado, e bem resolvido a não tornar a pôr os pés em casa de D. Luiza, para assim transtornar os seus suppostos planos interesseiros.

Mantive a minha resolução inabalavel durante mais de um mez, que para mim equivaleu a um sceno de torturas, pois via-me obrigado a sustentar lutas terriveis entre o meo amor proprio offendido, e o vehemente amor que me escaaldava o sangue e comprimia o coração.

Foi nesse mez de soffrimentos horriveis, que conheci o quanto amava á minha Amelia e o quanto esse pobre anjo tambem me amava. Mil vezes a vi, de longe, tristemente á janella esperando por mim e outras tantas estive a ponto de quebrar o meu proposito e ir, de rojo a seos pés, pedir-lhe o perdão de minha crueldade. Mas o demonio do orgulho me aguilhoava e eu retirava-me, com o coração despedaçado!

Enfim, durante dois mezes vivi assim, até que um dia, encontrei me com ella e sua mãe na rua do Ouvidor. O encontro fora tão inesperado que não me pude esquivar, e tive de chegar á falla,

Ellas exprobarão-me a minha ausencia e instarão comigo para que lhes dissesse o motivo de meo desapparecimento. Eu poderia dar uma desculpa banal, pretextar negocios, molestias, etc., mas repugnava-me o mentir-lhes e assim narrei-lhes francamente o que me succedera, e mostrei-lhes a fatal carta.

Apenas D. Luiza para ella olhou, solton uma rizada com tanto gosto e tão longa, que, confesso, por pouco me não fez perder a tramontana. Quando a vi mais calma, perguntei-lhe, ainda enfiado, a causa de seu riso que eu achava tão intempestivo. Tivemos então o seguinte dialogo:

— Rio-me do caso porque com effeito é engraçado, e quando eu lh'o explicar, estou certa que me ha de dar razão.

— Vamos a ver, minha Senhora, em todo o caso estimarei que assim seja.

— Pois então diga-me; o Sr. lendo esta carta, persuadiu-se que aquella phrase se lhe referia não é assim?

— Eu o confesso minha sonhora.

— Quer saber a quem eu alludia?

— Se m'o quer confiar....

— Pois bem! continuou ella rindo-se, referia-se a *um gato* de uma vizinha, de quem eu muito gostava e que tinha tenção de lhe furtar!

Fação vocês agora idéa, a cara com que eu não havia de ficar, vendo-me assim precipitado das alturas do romantismo a que eu proprio me elevára, no mais profundo abysmo do ridiculo e reduzido a deitar as culpas de tudo quanto soffrera a um misero e mesquinho membro da familia felina!

Em resumo, confessei a minha sem razão; pedi perdão á victima de minha precipitação, e para obtel-o de todo, offereci para reparar o que lhe fizera soffrer, uma vida inteira de amor e dedicação.

A queda de sua mãozinha na minha foi a resposta que recebi: estava perdoado.

Casamo-nos d'ahi a duas semanas, e desde então jurei odio eterno aos gatos e nunca mais pude ver com bons olhos essa especie interess

seira e falsa, que, á semelhança de certa gente, sollicita affagos que mais tarde paga com unhas.

E assim acabou o meu amigo J... a sua narração e todos nos retiramos para nossas cazas ás primeiras badaladas do Aragoão.

JAMI.

Rio 27 d'Agosto, 1861.

~~~~~

## MEDITAÇÃO.

Ao sr. JUVITA D. SILVA.

I

Pallida lua brilha na amplidão dos cens : monotono silencio se esparge por toda a parte. A natureza fertil jaz adormecida : nem o rumor longinquo da tempestade, nem o quebrar furioso das ondas nos rochedos, accordão esse gigante.

As estrellas brillão limpidas no firmamento, e vem retractar-se nas margens do sereno e crystallino regato.

II

Eu te saúdo, aurora bella que vens romper esse véo impenetravel da noite ! Sé bem vinda, rainha magestosa, que eclipsas a escuridão em um momento ! Vens accordar a distancia, dissipar a fumaça do somno com os alegres canticos matutinos ! Vens dar novo alento aos habitantes da terra que anhelão a tua vinda !

III

E' sol posto. Astro luzente, sol de meus amores, dá-me n'um desses teus raios inspiração, habilita-me a ser poeta, e rasga-me esta mascara de cynismo que me encobre o rosto. Dá-me um estylo grandioso, dá-me um cantico seductor que derrame em meu myrrhado coração as delicias da crença fervorosa.

IV

Adeus terra do Brasil ! Adeus plagas gentis da immortal Santa Cruz ! Adeus Campo do Ypiranga, terra de tradições adeus ! Vou experimentar novos ares ! Vou inspirar minha lyra nas Luzitanas praias, onde o poeta immortal exhalou o ultimo suspiro, e onde o fundador de nossa monarchia contou mais uma victoria no seculo XIX.

A....

~~~~~

POESIAS.

QUEM DISSE ?

Quem disse que estava Carlyra chorosa,
Sentada na matta, sentida a gemer ?
Banhando seu seio com fervidas gottas
Que tenues dos olhos, se vião descer ?

Que as faces sem côr igualavão o lyrio,
Que vê-se no campo ao raiar da aurora
Que os labios rosados, já lividos 'stavão,
P'las magoas do peito que a dôr não minora ?

Quem disse, meu Deos, que eu era perjuro
Que o tempo me fez o protesto quebrar ?
Que alegre vivia sem ter afflicções,
De um anjo ter feito, na morte pensar ?

Que era um ingrato que a jura quebrava
Sem ter compaixão de uma pobre donzella ?
Que dôres não tinha, nem uma saudade,
Que triste enviasse chorando com ella ?

Quem disse que eu tinha sem pena quebrado,
As cordas douradas da lyra chorosa ?
Que o canto da lyra não era amoroso,
Mas sim o suspiro de uma alma raivosa ?

Que alegre sorria, mas com ironia
Ralando os arcanos de meu coração ?
Que eu era um maligno, sem fé e sem crença
Que não merecia de Deos o perdão ?

Canta minha lyra, somente os encantos,
As formas e os dotes, da bella Carlyra,
Canta e saudosa, não mais te amagures,
Porque só amor o teu canto respira.

Canta as magias das dinas venturas
Que sentes, que a Musa o pedisse !
Canta !... mas que dores não sente minh'alma !
Quem disse, meu Deus ! quem foi que o disse ?

J. BARBOSA RODRIGUES.

~~~~~

## QUIZERA.

M....

Quizera ser a briza que vai a toda a parte,  
E ir a tuas faces beijar—até morrer.  
Quizera ser a roupa que cobre esses teos seios,  
E bem unida a elles, um dia inda viver.

Quizera ser o anjo que vela o teo dormir,  
E ouvira tua boca, meu nome articular ;  
Porque louco d'amor,—em tua fronte bella,  
Um osculo fremente, eu logo iria dar.

Quizera ser a ave que vòa livremente  
E ir nesse teo collo, d'amor, louca pousar ;  
Ouvir d'esses teos seios, a musica divina...  
Ao som d'ella dormir, e entre elles despertar.

Quizera....

O que eu quizera  
Sem ser o teu amor ?

Quizera....

O que eu quizera  
Meu anjo encantador ?....

SILVIO RANGEL.

1861

## CLAUDINA.

Original Brasileiro.

(Continuação).

Vivião felizes ; Pedro gozando da fidelidade de sua amante e Claudina nos braços d'aquelle que amava. Porém passageira foi essa felicidade para Pedro. Vejamos.

O jantar corria alegre, quando um dos convivas meio ebrio se levanta e nas pontas dos pés, propõe uma saude a Claudina, seguiu-a de um triplice *hurrah*. Outros brindes seguirão-se e no fim do jantar já estavam todos ebrios á excepção de um moço que premeditando cortar a felicidade de Pedro, fazendo varias saudes nada havia bebido, enquanto que Pedro roncava, com a cabeça descaçada nos braços, encostados sobre a mesa.

Todos bebados, uns seguirão para casa e outros encostados á mesa dormirão profundamente.

E Claudina ? Recordando-se do passado, havia bebido tanto que perdeu o uso dos sentidos.

O moço, aproveitando-se da embriaguez d'ella, satisfaz seus desejos reprovados. Pedro que dormia encostado á mesa accorda sobresaltado pelos puxões que lhe dava o criado Reybaud e perguntando por sua amante, este lhe responde que fosse a seo quarto.

Ainda com o fogo do vinho no cerebro, Pedro em um instante se achou em seo quarto.

Qual seria o pintor capaz de expressar o rosto e a attitude de Pedro e o estupor do moço ? Qual seria o pincel que copiaria os traços do homem traído por seo amigo e que o encontra no momento em que consumma o delicto ? Ticiano, o pintor anatomico e expressivo, Carache o pintor do bello horrivel, não copiarião as fórmas dos membros, nem a disposição dos actores desse painel.

O resultado foi Pedro tingir suas mãos de sangue e adquirir uma nodoa que levará comigo á sepultura.

Claudina no somno da embriaguez, talvez fosse victima da colera de seo amante se não fosse Reybaud.

No dia seguinte, Claudina chorava de joelhos aos pés de Pedro enquanto este com ar colerico escrevia uma longa carta.

— Pedro ! meo Pedro ! exclamava Claudina soluçando, não me crimines ; fui victima de um malvado que veio perturbar a paz que gozavamos, no somno da embriaguez que me paralizava os membros e os sentidos. Não sou cul-

pada, arranca-me a vida mas não me desprezes !...

E ella chorava amargamente.

— Pedro, ouve-me, continuava ella, tu bem sabes que a nodoa, que me queres lançar é imerecida.

— Levanta-te, mulher, foge de minha vista ! exc'amou elle assomadamente e de um modo que mostrava o quanto estava elle magoado.

— Perdoa-me !...

— Para ti não ha perdão !

— Quanto sou infeliz ! exclamou Claudina. Ainda a maldição de minha mãe a pezar sobre mim ! Ainda o dedo de Deos, pune a filha que desprezou os conselhos de um pai, e se atirou aos vagalhões do mundo ! Ai, por piedade, senhor ! tira-me a vida mas não me faças arrastar por mais tempo essa cadeia de infortunios que me opprime o peito ! Escuta Pedro, presta-me attenção, disse ella abraçando seos joelhos, ouve-me ! tem compaixão de mim, que tanto te amei e amo ainda !...

— Perfida ! Não sabes que me obrigas a fugir da sociedade onde minha deshonra se espalhará ? Não sabes que és criminosa ?

— Que crime commetti ? Porque não me arrancaste das garras do infame que te trahio ? Dize....

— A embriaguez m'o tolheu.

— E porque fui culpada ?

Pedro emmudeceo.

— Não sabes ? Pois ouve-me ; enquanto dormias, um homem no uso dos sentidos aproveitou-se da minha embriaguez ; abusou de minha confiança e cavou entre nos, um abysmo que nada poderá encher !

— Então perdoas-me ? !

— Sim... disse Pedro sem querer.

— Dá-me então essa carta.

— Para que ?

— Quero lê-la.

— É a historia da minha vergonha.

— Dá-m'a.

— Eu a inutilisarei.

— Então já.

— Cumpra-se.

E Pedro rasgou em mil pedaços a carta que tinha escripto a seo amigo Alberto, contando sua desventura.

Claudina para mostrar seo reconhecimento, abraçou Pedro, com tanta effusão, como se abraça um amigo que ha longos annos se não vê.

Desse dia em diante, uma nuvem de tristeza cobriu a habitação, onde a alegria morava.

Pedro e Claudina já não vivião felizes ; pelo contrario, Claudina que tanto amava essa morada, agora se aborrecia e tencionava voltar á

cidade ; mas, para não desagradar a Pedro, mostrava sempre o sorriso nos labios para esconder o desgosto que tinha em seo coração.

E como não seria assim ? Como poderia uma mulher accostumada ás grandes emoções, ás grandes reuniões, passar assim, só, na companhia de um homem que se lhe mostrava indifferente ? O jantar da-lo por Pedro, veio despertar-lhe o esquecimento do mundo que dormia no seo peito. O mundo lhe reapareceo com cores mais vivas e animadas do que nunca e os prazeres que ella n'elle gozara, se lhe autolhavão maiores. Claudina sonhava e queria realizar o sonho, que em sua mente esvoaçava.

Nos momentos em que sósinha meditava, mil ideias lhe vinhão assaltar a imaginação, que cansada de tanto pensar, só achava alivio, no livre curso que dava a suas lagrimas.

Que mulher !...

Foge das lagrimas, filhas do pensamento da mulher !

Foge, porque ellas te perderão !

Com effeito, dias depois Claudina foi á cidade, e no momento em que Pedro esperava abraçá-la, recebe a seguinte carta :

Pedro

« Perdoa-me, porque foste o culpado. No seo da felicidade, em que viviamos, poderiamos viver por mais tempo, porque eu vivia esquecida dos atractivos da sociedade, porém, no cumulo de tuas venturas quizeste patenteal-as em um jantar, para perder-me. Não o pensaste, é verdade, (nem tão pouco eu,) mas, o tinir dos copos, a companhia de mancebos bellos, fizeram despertar uma paixão que ia se extinguindo. Depois o teo indifferentismo fez que se exaltasse essa paixão e me lançasse outra vez no caminho que trilhão aquellas, que como eu, têm na fronte um stigma vergonhoso.

« Uma mulher do *demi-monde* como eu era, só podia viver de carinhos ! Negastem'os ; vim procural-os entre outros braços. Perdoa-me ; a culpa é tua.

« Não me procures ; foge de mim se queres ser feliz.

« Adeos ! »

Claudina.

Pedro como louco, cruzava a largos passos o seo aposento e amarrotava a mensageira de seo infortunio.

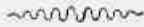
Erão onze horas da noite, quando elle, encostado nas costas de uma cadeira, adormeceu.

No dia seguinte, no primeiro trem que partio para a cidade, embarcou-se elle.

Na cidade, o seu primeiro passo, foi dirigir-se á morada de Claudina. Tinha-se mudado. Para onde? Não pôde sabê-lo.

Debaixo da impressão, de tal infortunio não podendo viver onde sua perfida amante habitava, tomou uma passagem para a Europa e no primeiro paquete partio.

(Continúa).



## CONSEQUENCIAS DA VOLUBILIDADE.

Original Brasileiro.

(Continuação.)

— Alberto, tu deverias, já que principiaste, ser o primeiro a proseguir sobre o que começaste a fallar; porém, para poupar-te tempo, quero fazer te algumas interrogações.

Sou teu amigo, como sabes, e por isso mesmo é que vou fazer-te algumas considerações sobre um máo passo que ias dar.

Primeiro que tudo: Tu amas essa menina de quem fallamos?

— Amo-a.

— Mas com que sentido? Pretendes casar-te com ella?

— Pretendo.

— E tens convicção de que ella tambem te ama?

— (Máo vai o dialogo!). Ama-me tambem, sim.

— Então o que fazes, que não a pedes ao pai?

— Era justamente sobre o que te vinha consultar.

— Sim fera sobre isso que me vinhas consultar, Alberto? Tu não és meu amigo.

— Ao menos ainda não te dei provas do contrario.

— E se eu te mostrar uma?

— É impossivel! Disse Alberto levantando-se da cama e assentando-se nella.

— Ei-la. E Paulo tirou do bolso a carta que Alberto enviára a Corina. Lê, e diz-me se um amigo mente a seu amigo.

Alberto, confuso e tremulo, pegou na carta e depois de reconhecê-la, rasgou-a sem pedir permissão para isso a Paulo.

— Para que rasgas essa carta?

— Para que outra vez não m'a venbas apresentar como prova da minha infidelidade.

— Reconheces então que não és meu amigo verdadeiro!

— Não, confesso, que fui fraco em occultar-te um passo que ia dar, mas como elle era indigno de mim não t'o quiz participar. Perdoame, Paulo.

— Graças a Deos! Uma vez na vida foste razoavel. E tambem, por ainda em tempo poder salvar aquella innocente das tuas mãos.

— Esqueçamo-nos disso Paulo, adeos, até logo.

E Alberto sahio do quarto.

## VII

Dez dias depois da scena que acabamos de descrever, Alberto tendo convidado Paulo a voltar para a Corte, para ella partirão; mas já no dia seguinte ao da chegada, voltára elle de novo a Friburgo, e realisava o que pretendia a respeito de Corina.

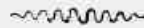
Fugira com ella para Cantagalho, deixando o Dr. Lobo e sua mulher no maior auge do desespero e afflicção.

O Dr. Lobo, ferido no mais intimo de seus sentimentos, não pôde sobreviver á deshora que lhe preparára Alberto, e peiorando dos seus males, succumbiu d'ahi a um mez depois de acerbos padecimentos.

Sua mulher, duplamente ferida, enlouqueceo, e dous mezes depois, tambem findára os seus desgraçados ultimos dias de existencia, no Hospício de Pedro II.

Paulo soubera de tudo o que se passára nessa malfadada familia, mas soubera-o somente depois de tudo consummado, e quando já nada podia fazer em prol d'ella.

(Continua.)



As reclamações devem ser dirigidas a esta typographia.

RIO DE JANEIRO.

Typ. de Pinheiro & Comp.<sup>a</sup>, rua do Cano n. 163